

PRÁTICA DO FISCULTURISMO: significados

Adriana Estevão¹

Resumo Abstract

O presente ensaio aborda questões relacionadas aos adeptos do fisiculturismo, cujo objetivo é desenvolver um enorme volume muscular. Os fisiculturistas buscam alcançar determinado padrão estético, peculiar a essa modalidade e é aceitável entre eles, para conseguir-lo, que se ultrapassem os limites fisiológicos humanos. A questão é: o que faz com que esses praticantes desejem ter corpos muito hipertrofiados, já que tal fato implica em riscos à saúde?

Palavras-chave: Fisiculturismo; Corpo; Risco e Saúde.

The current essay intends to relate some aspects about followers of the bodybuilding, which main objective is to develop a great muscular volume. The bodybuilders goal is to reach certain esthetic standard, peculiar to this modality, being acceptable among them, in order to get it, to overcome the human physiologic boundaries. The question raised above all is: what is the reason which stimulate them to aim a body incredibly hypertrophical, taking into consideration, indeed, that such bodies are extremely closed to the risk of health?

Keywords: Bodybuilding; Body; Risk and Health.

¹ Doutoranda em Ciências Sociais (PUC-SP). Professora do Deptº Educação Física da FURB/SC

Introdução

Pode-se dizer que os/as fisiculturistas (ou bodybuilders), formam um grupo à parte no espaço da corpolatria contemporânea. O cuidado com a forma física é uma de suas principais (senão a maior) preocupações na vida. Dedicam substancial tempo diário para as rotinas de preparação para o fisiculturismo: este termo é reconhecido por seus adeptos, como uma modalidade competitiva da musculação que promove campeonatos para demonstração/confrontação individual (através de poses) de silhuetas corporais hiperbólicas, forjadas à ferro. Há uma busca frenética pelo corpo milimetricamente exercitado, esculpido, com o intuito maior de aumentar músculos e diminuir adiposidades corporais. Neste contexto, os esteróides anabolizantes são utilizados em dosagens muito altas. Esta torna-se uma prática axiomática na relação que se estabelece com o cultivo de uma estética particular.

O instrumental metodológico utilizado constituiu-se de entrevistas não-estruturadas (abertas). Havia uma pergunta inicial para cada tema a ser abordado e os/as entrevistados/as falavam livremente. As entrevistas ocorreram entre novembro de 2002 e março de 2005, nas cidades de Campinas, Rio de Janeiro e Joinville. Também foi empregada para

a metodologia a observação com a participação no cotidiano, baseado na observação participante como sugere Malinovsky (1976).

Durante alguns meses foram acompanhadas algumas fisiculturistas que treinavam em academias de musculação em Campinas e Joinville. Também foi entrevistada uma fisiculturista do Rio de Janeiro. Algumas informações complementares, acerca dos efeitos e consequências do emprego freqüente e contínuo dos esteróides anabolizantes foram fornecidas por um médico endocrinologista e professor da Unicamp.

Na pesquisa, busquei apresentar os significados apreendidos através dos encontros e do convívio com fisiculturistas, baseados na descrição empírica/densa (GEERTZ, 1978), abordagem esta que buscou um detalhamento, minucioso, proveniente do envolvimento com as fisiculturistas e seu entorno, a partir da qual também foram enunciadas questões acerca de risco e saúde. As interpretações presentes no artigo, são registros com significados singulares, menores. As análises e considerações desse trabalho partiram das particularidades mapeadas, por isso não foi objetivo deste trabalho entrevistar grande número de fisiculturistas.

Com o intuito de preservar o anonimato das fisiculturistas in-

tegrantes da pesquisa, foram trocados seus nomes: Valentina, Rebeca, Kika, Lorenza e Gilda. Complementarmente, foram utilizados alguns relatos, obtidos no site da FEPAM - Federação Paulista de Musculação (<www.culturismo.com.br>).

Fortes até... morrer?

Tenho consciência de que posso me dar mal, mas quero ficar com um corpo musculoso e isso é o que importa. Se morrer, vou morrer grande. [...] Sei me cuidar e vou continuar com os anabolizantes até que algo me aconteça [relato de um fisiculturista] (LINDNER, 2000:1-2).

O fisiculturismo é repleto de significados. É em nome da conservação do corpo que seus adeptos reforçam suas aspirações diárias: eles têm medo de envelhecer. Desejam corpos esculpidos. Valentina diz que vai "(...) treinar por uma qualidade de vida boa (...) até eu ser vovó e ainda estarei lá na academia treinando". Para as fisiculturistas entrevistadas, o termo qualidade de vida está diretamente relacionado com ter boa saúde, ou seja, ficar doente com menos frequência do que antes de iniciarem as atividades físicas. Nas conversas, boa aparência e saúde eram expressões utilizadas com o mesmo significado. Também corpo atlético era sinônimo de aparência saudável. As-

sim, ter qualidade de vida também significa chegar aos sessenta anos com aparência de trinta. Mas no caso específico dessas mulheres, isso é bastante improvável, devido ao uso intenso e continuado de fármacos, principalmente os esteróides anabolizantes. Para Neves,

em certas ideologias médicas, pensa-se em uma prevenção do envelhecimento – ou, para não ser muito rigoroso ou redutor, - em um retardamento do envelhecimento. Ou seja, começa-se a antecipar a velhice por uma série de métodos que se afirmam 'retardadores' da velhice. 'Quanto mais cedo pudermos tomar providências, melhor'. Aqui também trata-se de 'projetos racionais', não de sonhos, desejos ou delírios de descontinuidade ou imortalidade. Tudo se dá em um contínuo discurso do eterno desdobramento até que se encontre a terra que, anteriormente, era prometida e que, agora, é conhecida (1999:46).

Algumas fisiculturistas têm sua rotina de treinos e competições alteradas devido a sérios problemas de saúde. Lorenza encerrou sua carreira competitiva quando descobriu que estava com hipertensão. Ela conta que "(...) sentia umas dores de cabeça (...). Fui no hospital me consultar com uma médica (...) fiz o eletrocardiograma e outras coisas mais,

me monitoraram toda e ela percebeu isso. (...) fiquei chateada no dia...". Desde então, faz uso de remédio específico para controlar a pressão arterial e terá que fazê-lo por tempo indeterminado. Para confirmar, consultou um outro médico: "(...) ele mediu minha pressão e viu que estava aumentada. Eu me surpreendi, pois nunca tive pressão aumentada". A recomendação médica, segundo ela, foi que "(...) se você quiser continuar nesse tipo de trabalho acho melhor que você faça não mais para competição e não use mais esteróides anabólicos". Além de hipertensão ela ainda apresentou "um problema no joelho esquerdo, condromalácia (...) e (...) uma lesão no colateral fibular (...)". Apesar dessas seqüelas, não pensa em parar de malhar intensamente: "(...) a musculação já está arraigada em mim. Ela é necessária pra manter o tamanho de meus membros inferiores como eu quero". Lorenza relembra: "na minha época tinha assim uns esteróides injetáveis e tal, mas no mercado o mais usado era um comprimido que é o mais perigoso, o hemogenin (...)". No início, usou sem saber. O treinador misturava na vitamina que preparava para ela ingerir. Mas, quando descobriu continuou a fazer uso até ela ter que parar de competir, porém, não deixou de treinar com a intensidade de antes, mesmo sentindo fortes dores.

Para Rebeca, a adaptação com os esteróides anabólicos foi

uma boa experiência: "Eu consigo me dar bem com isso sim. Melhora a autoestima porque você treina e vê o efeito". Ela justifica o uso que faz da substância como sendo um aliado da malhação, um antídoto contra as imperfeições. Diz que para 'assegurar' seu uso: "(...) eu frequento uma ginecologista, fisioterapeuta, mas é a endocrinologista que receita os anabolizantes. (...) faço pesquisa com ela e compro sem receita".

Martínez define os esteróides anabolizantes como "(...) um conjunto de compostos relacionados com a testosterona tanto do ponto de vista estrutural [químico] como da atividade biológica [fisiológica]. A testes testosterona, que é o principal esteróide anabolizante natural, é o hormônio sexual mais ativo, e portanto, o principal responsável pela (...) maturação sexual do homem" (1990: 375). Estas substâncias surgiram a partir de pesquisas farmacêuticas realizadas no final do século XIX e primeira metade do século XX.

Inicialmente, o emprego dos esteróides anabolizantes, foi preconizado com fins terapêuticos sendo "(...) indicado para casos de perda excessiva de nitrogênio e síntese protéica reduzida, impotência, insuficiência no crescimento, osteoporose, fraturas, distrofia muscular, anemia (...) e miotrofismo" (MOURA, 1984:101). Começou a ser utilizado na década de 1950 (ARAÚJO, 2003). A afirmação do

registro da utilização desses produtos nos esportes baseia-se em vários documentos secretos resgatados após a queda da República Democrática Alemã. Neles consta que o Governo Alemão da época promovia o uso de drogas, em especial dos esteróides anabólicos androgênicos em esportes de alta performance. "Teses acadêmicas altamente secretas, relatos científicos, relatórios de verbas de médicos e cientistas que serviram como colaboradores do Ministério para a Segurança do Estado revelam que, de 1966 em diante, centenas de médicos e cientistas, incluindo professores (...), realizaram pesquisas sobre doping e administraram drogas lícitas e ilícitas aos atletas" (ARAÚJO, 2003:7). O autor salienta que milhares deles eram tratados com andrógenos todos os anos, incluindo mulheres e crianças de ambos os sexos. Mulheres e adolescentes eram o alvo preferencial desses produtos devido a aplicação se mostrar efetiva na melhora do desempenho esportivo. (ARAÚJO, 2003).

Lorenza declarou acerca de uma amiga sua: "a Lúcia Helena, morreu de tanto tomar 'bomba!'". Além dessa, que era uma competidora conhecida da modalidade, revelou ter informação sobre outras pessoas que faleceram no palco, durante a apresentação em campeonatos. Ainda ao se referir a colegas que fizeram utilização de anabolizantes, teceu o seguinte comentário: "eles

usam uma quantidade de esteróides que é de arrepiar. Eles dizem: não tenho medo, eu quero subir no palco 'grande' e 'seco'. (...) Mas e depois? Não tem depois, eu não penso no depois (...)". Ao apresentar esses depoimentos, Lorenza imprimiu um certo tom de denúncia. No entanto, quando se referiu a sua própria experiência com as mesmas substâncias químicas, afirmou que "tudo é válido, pois o gosto da vitória é muito bom!".

No início do mês de setembro de 2004, Kika participou como árbitra de um campeonato em Santa Catarina. Segundo o relato dela, o competidor premiado como "o melhor daquela noite" (foi ganhador do 1º lugar na sua categoria e no geral), morreu algumas horas depois da competição, vítima de uma parada respiratória. "Antes do campeonato ele havia se sentido indisposto", disse Kika, "mas não quis deixar de competir argumentando que havia se preparado muito para estar ali".

Ele, com certeza deve ter usado muita droga, porque alguma coisa o levou a isso. Eles fazem um monte de coquetéis, eliminam o sal, cortam os líquidos, zeram tudo. É uma coisa que eu também já fiz e se eu voltar a competir, vou ter que fazer de novo. Quem compete pensa em ganhar ou ganhar e isso não tem preço. E pra isso acabamos tomando coisas que fazem mal...

Em setembro de 2004, foi noticiado que em Brasília (DF), seis rapazes injetaram na veia um esteróide anabolizante de uso veterinário denominado 'estigor', utilizado para engordar gado. Ao serem inquiridos sobre o ocorrido eles disseram que o motivo por terem feito uso da droga foi porque "queriam ficar musculosos"². Courtine investigou o universo dos bodybuilders e revelou sua impressão quanto a lógica pela qual são conduzidos: "você pode se tornar a pessoa que sonha ser, dizem os body-builders. Você pode desafiar ao mesmo tempo o inato e o adquirido e fazer de você um outro" (1995:89).

Salienta Martinez que "(...) mesmo que não se possa definir com exatidão, já são perceptíveis os graves problemas que (...) têm sua origem no uso prolongado de esteróides anabolizantes. A morte ocasionada por câncer no fígado de um atleta com vinte e seis anos, em decorrência de quatro anos de ingestão de esteróides anabólicos-androgênicos, exemplifica conseqüência de um desequilíbrio duradouro no sistema hormonal" (1990:383).

O emprego desses fármacos, também tem se tornado, uma opção disseminada entre outros freqüentadores das academias. Segundo pesquisa realizada por Iriart e Andrade, um estudo populacional

realizado em 1993 demonstra nos Estados Unidos mais de um milhão de pessoas fazem uso de anabolizantes.

Em relatório recente, o National Institute on Drug Abuse (NIDA, 2001) informa que a porcentagem de estudantes do curso secundário (high school) que utilizou estas substâncias cresceu 50% nos últimos quatro anos, passando de 1,8% para 2,8%. O consumo do consumo de suplementos alimentares e anabolizantes nessa população (...) levou o governo norte-americano a lançar, no ano passado, uma campanha nacional para alertar os jovens dos perigos associados à sua utilização (...) (2002:1380).

Também no Brasil, segundo os pesquisadores, está crescendo entre os jovens, mais especificamente nas academias de musculação, o número de usuários de esteróides anabolizantes. Apesar de investigações dessa natureza (que desvelam o uso dos referidos produtos também por indivíduos iniciantes) precisarem ser mais exploradas em nosso país, tal fato pode ser confirmado através de certos indícios in loco, sendo o principal deles a rapidez com que os músculos de praticantes novatos na musculação aumentam de volume. Um fisiculturista de 22 anos, entre-

² Segundo reportagem do Jornal Nacional (Rede Globo), levada ao ar dia 09/09/2004.

vistado por Iriart e Andrade fala do efeito positivo dos esteróides: "(...) eu tava com mais ou menos 37, 38 de braço (...). Aí foi pra 40, 42 centímetros. Aí fica todo mundo surpreso, aquele negócio, você nem acredita quando (...) se olha no espelho e você se vê forte" (2002:1383).

Lorenza declarou que depois que experimentou não pensou mais em parar: "(...) eu estava crescendo [hipertrofiando a musculatura] 'seca' [sem aumentar a gordura] com a maior facilidade (...). É porque meu metabolismo 'acelerou' com o uso do esteróide e a musculação".

Em um relato é revelado o sonho de um adolescente, que era ser campeão de fisiculturismo. Para isso ele treinava musculação e fazia uso de esteróides anabolizantes. Segundo seu próprio depoimento, em um ano aumentou 20kg (de massa muscular); sem o uso do fármaco, admite que levariam mais de três anos. (LINDNER, 2000).

Um distúrbio denominado 'dismorfia muscular' ou vigorexia é comum em praticantes de musculação. Segundo Klinger,

(...) estudo americano aponta um aspecto ainda mais sério da questão, o uso de drogas. Os casos de distúrbios da imagem corporal registrados envolviam consumo de anabolizantes e anfetaminas. Além de causar dependência, trazem graves danos à saúde, como 'problemas re-

nais, hipertensão, taquicardias, arritmias e pode até levar à morte', adverte o endocrinologista Elias de Oliveira Filho (2000:9).

Outro fisiculturista, de 22 anos, entrevistado pelos pesquisadores Iriart e Andrade, disse que "teve um colega que perdeu a perna tomando injeção localizada na região. Esses riscos todos a gente sabe que pode acontecer (...). É aquele tipo de aventura. Você pensa: 'Ah, vou aventurar. Comigo não acontece.' Aí você vê que todo mundo pensa assim" (2002:1384). Um outro de 29 anos respondeu que "eu to tomando, mas sei que eu posso morrer naquela hora ali" (2002:1385).

Esses relatos possibilitam mapear significados: para quem faz essa escolha, o risco é compensado por não passar pela vida sem serem notados ou 'em branco', como dizem. Cabe ressaltar que esse sucesso que dizem alcançar ocorre ou é reconhecido apenas entre o grupo. Silvia Finocchi relata, orgulhosa de si mesma, sobre um momento especial: "Lá, incrédula com o que se passava comigo, fui chamada ao podium assumindo a segunda colocação no Miss Universo, aos 40 anos e com dois filhos adultos" (www.culturismo.com.br/entrevista11.asp). Lorenza revela sua impressão e acredita que "(...) são motivos grandes o suficiente pra levarem es-

sas pessoas a fazerem isso até morrer ou então para ficarem durante mais tempo até alguma coisa fazer com que elas parem, algo pelo qual elas estão no limiar entre a vida e a morte, tipo uma doença. Isso pode fazer com que parem...". A probabilidade de pararem é pequena. Os depoimentos explicitam a falta de preocupação com as possíveis consequências e a vontade de irem até o limite extremo.

Gilda teve uma experiência marcante. Aconteceu na véspera de um campeonato para o qual ela julgava estar 'super preparada', com seu físico 'em dia' para competir. Mas alguém lhe aconselhou experimentar, uma semana antes, um novo diurético que faria com que ela 'secasse' ainda mais: "eu, que já estava seca, desidratada ao máximo e já tinha tomado outro tipo de diurético, fiquei meio na dúvida (...)". Mas ela aceitou a sugestão e fez uso do produto. Explicou que o medicamento não reage imediatamente, somente algumas horas depois. Gilda iria viajar na 5ª feira, mas na 4ª feira à tarde na academia ela quase teve que desistir. O que ocorreu foi o seguinte: "eu passei mal. Fiquei tonta, minha boca começou a formigar, a minha mão também. Metade eu era branca e a outra metade roxa e não conseguia mais ficar em pé. Desmaiei. Quando acordei chamei meu marido, mas a minha voz parece que tinha sumido. Aí ele veio, pegou mel e deu um pouquinho

pra mim, mas eu não reagia". Em meio a essa situação delicada pela qual estava passando, ela negava ingerir alimentos. A filha e seu marido tentaram lhe dar carboidrato, mas ela insistia em não comer nada para não 'estragar a dieta' enquanto seu estado de saúde se agravava: "(...) eu comecei a ter diarreia e fazia xixi sem parar. Eles me davam água aí meu marido me pegou no colo, levou pra casa, colocou na cama. Minha filha quando viu, começou a chorar, ficou desesperada. E dá-lhe coisas na minha boca, mas eu não podia comer, eu não engolia pra não estragar a dieta". A estratégia das dietas restritivas, utilizada como forma de preparação corporal, principalmente durante o período pré-competitivo "(...) pode acarretar deficiências nutricionais (...), particularmente de minerais como o cálcio e o zinco (...) aumentando, assim, o potencial de risco para o desenvolvimento de osteoporose" (CYRINO et al, 2002:27).

Quando Gilda conseguiu pronunciar algumas palavras, a primeira coisa que disse foi que queria ir ao campeonato, o qual seria realizado no dia seguinte em uma cidade há 800km de sua casa. "Eu quase morri. E a gente morre mesmo, morre por um objetivo", declarou. Horas depois, quando estava sentindo melhoras, arrumou a mala e na manhã seguinte seguiu viagem. O marido a levou de carro, ela foi deitada no banco de

trás bebendo um repositor hidroeletrolítico (bebida que contém sais minerais – similar as proporções e elementos que existem no suor humano – sendo os principais deles o sódio, potássio e cálcio).

Em sua pesquisa, Sabino (2004) mostrou situações similares. Constatou que alguns dias antes dos campeonatos, os fisiculturistas deixam de comer sal e tomam laxantes e diuréticos com o objetivo de reduzir a quantidade de água no tecido subcutâneo para que a musculatura seja ainda mais ressaltada. Não raro, sofrem vertigens e desmaiam devido a falta de água e de sais minerais que produz quedas na pressão arterial e arritmia cardíaca. Para reforçar o cardápio, utilizam vários produtos para suplementação como farelos e comprimidos, derivados de alimentos que em geral são batidos com leite desnatado ou adicionados à água. Tal tipo de dieta reduz a porcentagem de gordura corporal. As taxas chegam a estabilizar entre 2% e 5%, contra 18% de um indivíduo comum do sexo masculino.

Para Goldenberg e Ramos,

(...) as sociedades são capazes de levar os seus membros, por meios puramente simbólicos, à morte: incutindo-lhes a perda da vontade de viver, fazendo-os deprimidos, abalando-lhes de tal forma o sistema nervoso, consumindo-lhes as suas energias físicas, marginalizando-os

socialmente, privando-os de todos os pontos de referência afetivos, 'desintegrando-os de tal forma que num determinado ponto a morte passa a ser um simples detalhe biológico' (...) (2002:31).

Segundo os praticantes, o que parece justificar a sujeição aos notórios e eminentes riscos à saúde, incluindo até a possibilidade de morte, é o desejo incessante de ficarem cada vez mais fortes, suportado pela crença de um suposto reconhecimento social que lhes proporcionaria a ostentação de sua musculatura. A respeito do seu ciclo menstrual, Gilda revelou: "eu fico só três meses sem menstruação, logo depois dos campeonatos começo a menstruar. Tem meninas que não menstruam nunca mais. A Valentina é uma delas".

A alteração do timbre da voz é uma característica comum entre as fisiculturistas que mantiveram contato. O tom era grave como uma voz masculina. Mas elas justificavam dizendo que "sempre foi assim" ou então "minha voz já era grave antes, apenas ficou mais rouca". Também sem dar muita ênfase, Gilda revelou que pêlos grossos apareceram em seu rosto, principalmente no queixo. Ela resolve isso se depilando ou então fazendo a barba como os homens. Apesar de evidente, esses e outros efeitos são absorvidos por elas como muita naturalidade, algo a ser contor-

nado e não evitado. Elas acreditam que nada vai acontecer com sua saúde (mesmo com alterações já manifestadas) por ingerirem muita droga: “cada mês eu tomo apenas oito ampolas de winstrol, o VHEA que é pré-liberador de hormônio e o GH. Isso é pouco, muito pouco”, declarou uma delas. O cuidado, na opinião dela, deve ser com a qualidade do anabolizante ingerido: “(...) não dá pra comprar qualquer coisa na esquina que um ‘Zé mané’ está vendendo, porque aí tu vais colocar a tua saúde em risco (...)”.

Sendo esses produtos proibidos para a venda sem prescrição médica, foi questionado a uma delas como tinha acesso. “Bem, nas farmácias você tem que ter alguém conhecido lá dentro ou alguém que use e te apresente ao dono ou ao balconista. No meu caso já faz tanto tempo que eles já me conhecem e sabem que é seguro vender pra mim. Eles têm medo porque agora está proibido e ficou pior pra gente conseguir. Antes, há uns 8, 10 anos atrás, era bem mais fácil”. Também podem ser adquiridos nas academias através do proprietário, alunos veteranos ou instrutores que muitas vezes sobrevivem das aulas de personal trainer e do comércio desses fármacos. Comprados na academia, geralmente, são mais caros. Alguns produtos são importados, e a proibição não impede a comercialização nem o uso. “Olha, desde que proibiram nada mudou. Na verda-

de sempre foi ‘por debaixo dos panos’ a venda dos anabolizantes. A gente toma muito mais coisas: são remédios pra emagrecer, pra vascularizar, pra cortar o açúcar. Então sempre se dá um jeito pra comprar. Eu não conheço ninguém que não tenha conseguido comprar por causa da proibição. Então, deviam liberar...”.

Em uma academia visitada, a venda de suplementos era na lojinha ao lado, dividida apenas por uma parede. Também eram oferecidas roupas e acessórios apropriados às práticas corporais em academia. O local era pequeno, mas a organização dos produtos chamava a atenção de qualquer pessoa, parecia uma boutique. As embalagens dos suplementos alimentares eram coloridas, quase sempre com fotos de marombeiros no rótulo ou de alguma mulher muito forte, sem nenhuma imperfeição aos olhos dos adeptos da cultura da malhação. Os potes eram de diversos tamanhos, mas os que se sobressaíam eram aqueles cuja embalagem era enorme. O tamanho grande do recipiente é um atrativo a mais para os consumidores. O conteúdo varia em sua apresentação. Alguns são em pó, como por exemplo, albumina – que é a clara do ovo desidratada -, outros são em cápsulas gigantescas, como os aminoácidos. Engolir tais bagas deve ser mais uma provação para os fisiculturistas.

De acordo com José Gil (1993), os corpos tatuados são diferentes dos corpos perfurados ou lacerados, ou queimados e eu acrescentaria dos bodybuilders, mas todos eles visam uma modificação do corpo individual comum. Poder-se-ia, aparentemente, dizer melhor: "todos eles visam a modificação da imagem individual do corpo standard. Mas trata-se, aqui, de qualquer coisa de mais profundo ainda do que a imagem do corpo: pretende-se modificar o corpo real, e não só a sua imagem" (GIL, 1993:268). Referido-se ao piercing o autor adverte sobre o que considera um perigo que espreita todas as práticas de transformação corporal: é fazer do corpo um território, um fim em si mesmo, um novo organismo, uma estrutura rígida, para ser captado e exibido pelas mídias, pelo espetáculo ou simplesmente "pelo olhar mais secreto da subjetividade" (1993:272). Nas sociedades primitivas, esclarece Gil, a perfuração do corpo, a tatuagem, a escarificação, enfim, as mudanças corporais, acompanhavam rituais (de passagem, terapêuticos ou outros): ajudavam a criação de um novo corpo, que se abria e irradiava para a sociedade, a natureza, os homens e os deuses.

Gil manifesta preocupação em relação ao body-piercing: "O perigo, agora, é que os corpos do body-piercing moderno não irradiem se-

não para eles próprios, fechando-se e fechando-se em grupos, comprazendo-se apenas na imagem de si" (GIL, 1993:273). É que em vez de um rito planetário de transformação e construção de um novo corpo, complementa o autor, teríamos apenas um espetáculo global.

Pierre Clastres (2003) faz uma abordagem sobre os 'rituais de pertencimento' em algumas tribos e regiões. Como trata o autor, os meios, técnicas e objetivos de se afirmar a crueldade, varia de uma tribo ou de uma região a outra. O que elas apresentam em comum é a meta: provocar sofrimento. Clastres revela sobre a iniciação dos jovens guayaki. Seus dorsos são escavados e revolvidos por toda a superfície. A dor insuportável faz com que o torturado desmaie. Também os jovens Mbayá-Guaykuru do Chaco Paraguai, ao alcançarem a idade de admissão na classe dos guerreiros, deviam passar pela prova do sofrimento. O pênis e outras partes do corpo eram perfurados com osso de jaguar. O preço da iniciação também era o silêncio. Este era exigido, pois, calados consentem em aceitar-se no papel de membros integrais de comunidade.

O momento da tortura é para marcar o corpo. É considerada uma comprovação da coragem pessoal que se exprime no silêncio oposto ao sofrimento. As cicatrizes permanecerão no corpo mesmo

após o término da iniciação. “Inscritos na profundidade da pele, atestarão para sempre que, se por um lado a dor não pode ser mais do que uma recordação desagradável, ela foi sentida num contexto de medo e terror. A marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo traz impressos em si os sulcos da lembrança – o corpo é uma memória” (CLASTRES, 2003:201). A marca proclama o pertencimento do iniciado ao grupo que significa ser semelhante aos outros, ocupar o mesmo espaço: ninguém é inferior, nem superior. A lei que eles aprendem a conhecer na dor é a da sociedade primitiva: ninguém é mais importante que ninguém.

Na sociedade primitiva, sociedade essencialmente igualitária, os homens são senhores de sua atividade, senhores da circulação dos produtos dessa atividade: eles só agem para si próprios, mesmo se a lei de troca dos bens mediatiza a relação direta do homem com o seu produto. Nada existe no funcionamento econômico, dessas sociedades, que permita a introdução da diferença entre os mais ricos e mais pobres, pois aí ninguém tem o estranho desejo de fazer, possuir, parecer mais que seu vizinho (CLASTRES, 2003).

As cicatrizes desenhadas sobre o corpo são o texto inscrito da lei primitiva, é nesse sentido, uma escrita sobre o corpo. As sociedades

primitivas são sociedades da marcação. Elas se colocam contra a lei do Estado: “(...) procuravam, ao preço de uma terrível crueldade, impedir o surgimento de uma crueldade ainda mais terrível: a lei escrita sobre o corpo é uma lembrança inesquecível” (CLASTRES, 2003:204).

Para tornar-se um fisiculturista, diferentemente do que ocorre nas sociedades primitivas, é preciso seguir leis e normas: ser disciplinado e desenvolver autocontrole. Nos ambientes das academias, há hierarquia. Os que malham mais conduzem os que malham menos. Os iniciantes são seguidores dos mais experientes, são discípulos que ‘almejam chegar lá’: ter um corpo similar. Os veteranos não admitem interferência em seu conhecimento, consideram-se superiores e é a eles que os outros devem obediência. Se os seguidores não forem fiéis, ficarão mais tempo no estado de iniciantes. Estes serão considerados preguiçosos e indisciplinados. Os corpos fisiculturistas são indiscutivelmente marcados, transformados, com o objetivo de pertencimento a um grupo. Esse é um processo. Não é somente com o corpo musculoso que os fisiculturistas demarcam pertencimento ao grupo, mas também, utilizando um linguajar próprio, que só é decodificado por eles. Dessa forma asseguram seu espaço. O corpo do fisiculturismo é um corpo impregna-

do de Estado: quer regras, leis, deveres, direito, segurança/proteção, utilidade, obediência, rotina, autoritarismo. É um corpo que basta a si mesmo, que precisa do outro apenas para afirmar sua superioridade.

Os fisiculturistas, muito mais do que cultivar músculos sobre-humanos cultivam uma ética representativa de nossa era que seria um indivíduo disposto a vários desafios, como pagar o máximo para atingir seus objetivos; ser livre para se projetar e construir seu destino; possuir autonomia para construir seu corpo, submetendo-o a sua mente; se submeter e enquadrar a matéria aos ditames da razão instrumental. Talvez outros aspectos, além daqueles relacionados aos preceitos subjetivos e objetivos da ambiência das academias de musculação e fisiculturismo, sejam fatores sociais que contribuam para o crescente consumo de fármacos entre os frequentadores dessas instituições. Um deles pode ser o hábito comum de nossas sociedades de ingerir substâncias farmacológicas como meio de resolver, ou minimizar, as dificuldades da vida.

O fisiculturista deseja se tornar um vencedor dentro dos parâmetros estabelecidos pela ordem entendida por ele como natural. Suas representações de saúde e harmonia naturalizam a construção social que ele faz do seu corpo,

como atesta o discurso de Valentina, que reforça a idéia dessa modalidade como promotora de uma vida saudável: "As pessoas se renovam, vejo pessoas rejuvenescerem e passam a ver a vida de outra forma. Isto me causa um imenso prazer, e cada vez mais me animo para continuar ensinando e aprendendo, pois sempre se está aprendendo algo neste magnífico mundo que é o nosso corpo. Eu sou a prova viva disto". Isso também está presente na declaração de Kika quando faz menção ao falecido colega, que participou do campeonato do qual foi árbitra: "às vezes uma coisinha incorreta pode levar a pessoa à morte. Vários fisiculturistas já morreram, inclusive em cima do palco. Gente com saúde mesmo, que você via que tinha saúde". Para ela, os riscos se intensificam devido ao uso incorreto das drogas: "(...) se você fizer tudo certo, usar as drogas corretamente, certamente não vai morrer que nem ele. Só que realmente tem que fazer certinho, aí vale à pena". Após uma pausa ela continua: "Eu tenho mais medo de envelhecer do que de morrer". Não só no caso dos fisiculturistas, mas também das práticas ou ritos de lacerações na língua, escarificações, piercings, tatuagens, escoriações, queimaduras, suspensões, por ganchos cravados na pele, esportes chamados de 'radicais', etc., são práticas que carregam a dor, ou ao menos o medo, em seu bojo. No caso dos fisiculturistas, em que a ima-

gem de uma couraça musculosa é o sentido de vida, as rotinas constantes são necessárias e sempre renovadas. Assim, esses corpos hipermusculosos, que se autocontrolam, apesar de inflacionados de vaidades, são convidados a nunca atingir a total perfeição que almejam. Em vista disso, embarcam nesse infundável processo: vigias de si.

Não são apenas drogas como esteróides anabolizantes que são consumidos pelos praticantes do fisiculturismo. Uma entrevistada declarou ter conhecimento de praticantes que também utilizam cocaína: "A pessoa fica dependente dos esteróides, mas também usa de vez em quando cocaína, pra ficar 'ligado' e ter mais energia pra treinar. Eu já usei e realmente o treino rende bem mais, você tem mais 'pique' e isso acaba te beneficiando". Sabino (2004) constatou que muitos bodybuilders fazem uso de cocaína e maconha não apenas para inverter as estruturas, em um ritual esporádico de contestação estrutural, mas pelo fato de descobrirem que tais drogas, apesar de suas características entorpecentes, podem, em alguns casos ter efeitos como emagrecimento ou a disposição para suportar o período de treinamento pesado.

O fisiculturista leva entre 8 e 10 anos para tornar-se um 'gigante' e isso não ocorre através da consulta a manuais, livros ou até mes-

mo vídeos, produzidos aos montes e encontrados no mercado. Tratando-se de amadores o tempo diminui para 3 ou 4 anos para a musculatura apresentar-se desenvolvida. Isso só é possível com a combinação dos esteróides anabolizantes, treinos intensos (com carga elevada e a utilização de algumas horas diárias – de 2 a 5) e alimentação à base de proteínas. Além disso, a suplementação sintética acompanha a rotina.

Nesse processo para tornar-se um fisiculturista, além dos efeitos dos anabolizantes, surgem vários tipos de lesões: por esforço repetitivo principalmente nos joelhos e ombros, que resultam em cirurgias; além de bursites, tendinites, artrites, hepatite medicamentosa, hipertensão, ginecomastia, dores de cabeça e outros problemas acarretados ao uso continuado das drogas. Nas academias, ao adquirir o corpo musculoso (vencendo as etapas), o aspirante a fisiculturista consagrado, pelo menos em seu grupo delimitado, vai sendo alçado a um novo papel. Sua identidade, mesmo sendo volátil, visto depender da brevidade da forma, vai se construindo continuamente, e a dor e o risco de vida inscrevem-se como emblemas em seu corpo, moldando em sua carne o perfil musculoso do status diretamente radicado na fugacidade, que acaba tornando-se tragédia daqueles que da forma extraem quase

todo o seu poder (Sabino, 2004). Por outro lado, atenta o autor, quanto mais difíceis são as etapas que um indivíduo atravessa para pertencer a uma instituição, e desfrutar de seu reconhecimento, mais valor o mesmo confere a esta.

Sendo conhecedores ou não das conseqüências dos anabolizantes, isso parece não ter importância na hora da decisão de usá-los. No início, muitos duvidam dos efeitos nocivos e nem imaginam que poderão ser vítimas de algo grave. Kika declarou que “muitas vezes as mulheres tem até que usar mais anabolizantes do que os homens, pois eles até já têm uma musculatura e é mais fácil pra desenvolver. Pra gente fica mais difícil pelo fato de sermos mulheres, então temos que abusar...”. O conhecimento dos riscos é um fator que reitera o uso “posto que o risco surge, entre o grupo, como algo positivo que reforça a coragem individual e as estruturas hierárquicas do próprio grupo, já que usar esteróides é parte de um ritual contínuo de construção identitária na qual arriscar a vida é fator de valorização da experiência e reconhecimento social (...) ligado ao status” (SABINO, 2004:99).

Como revelou Kika, a aversão que ela sente em relação ao envelhecimento toma um vulto muito maior do que o medo de morrer. Sabino (2004), interpreta que a fragilidade e a condição mortal refletida, de imediato, no processo de envelhe-

cimento abrem uma possível via de atuação dos empreendimentos consumistas reproduzidos pela publicidade que exerce papel efetivo, não apenas na construção da identidade dos freqüentadores assíduos da academia de ginástica e musculação, mas no cotidiano de milhões de pessoas que são levadas pelos discursos especializados a procurarem um produto que lhes garanta a saúde, entendida, não raro como boa forma e juventude. Muscularidade e magreza acabam significando, em nossa cultura, sinais de positividade, levando número significativo de homens e mulheres adultos e adolescentes ao consumo de esteróides anabolizantes, outros hormônios e produtos em busca da forma física ideal, concebida como a chave para a aceitação e ascensão social, enfim, para o sucesso.

A referência das fisiculturistas é o modelo americano. Isso porque a modalidade, nos Estados Unidos, tecnicamente apresenta melhores condições para seu desenvolvimento e continuidade: os praticantes podem ser profissionais recebendo apoio financeiro e tecnológico. Nos EUA as mulheres são maiores, apresentam os músculos mais desenvolvidos do que as brasileiras. O objetivo das mulheres que entrevistei é ser como as estadunidenses. Elas reclamam da falta de apoio financeiro que há no Brasil, para poderem “treinar como as ou-

tras, tomar o que elas tomam e crescer como elas'. Porém, elas demonstram uma dedicação tão intensa à modalidade que a ânsia de continuar nesse meio está acima das dificuldades vividas diariamente. Não houve, nos contatos estabelecidos por mim, ex-fisiculturista que não apresentasse vontade de voltar a competir. O fisiculturismo é uma escolha que passa a acompanhá-las durante toda a vida.

Referências

- ARAÚJO, Jordano P. O uso de esteróides androgênicos anabolizantes entre estudantes do ensino médio no Distrito Federal. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Católica de Brasília. Distrito Federal. 2003.
- CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do narcisismo: bodybuilding e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise B. (org.). Políticas do corpo. São Paulo, Estação Liberdade, 1995.
- CYRINO, Edílson S.; MAESTÁ, Nilza; REIS, David Augusto dos; NARDO JUNIOR, Néilson; MORELLI, Mônica Y.A; SANTARÉM, José M.; BURINI, Roberto C. Perfil antropométrico de culturistas brasileiras de elite. Revista Paulista de Educação Física, v.16, n.1, 2002. p.27-34.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GIL, José. "No pain, no gain". Cadernos de Subjetividade/ Núcleos de Estudos e Pesquisas da Subjetividade em Psicologia Clínica da PUC-SP, v. 1, n.1 (1993). São Paulo: EDUC, 1993.
- GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: O corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). Nu e Vestido. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- IRIART, Jorge Alberto Bernstein; ANDRADE, Tarcísio Matos de. Musculação, uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil. Caderno de Saúde Pública, v. 18, n. 3, p. 1379-1387, 2002.
- KLINGER, Karina. Distúrbio reflete no espelho corpo irreal. Folha de S. Paulo. Caderno especial, 26/10/2000. p. 8-10.
- LINDNER, Graziela. Anabolizantes garantem mais músculos e menos saúde. Jornal A Notícia. 21-05-2000.
- MALINOVSKY, B. Introdução: Tema, método e objetivo desta pesquisa. In: MALINOVSKY, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril, 1976. p. 21-38.

- MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolaria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). Nu e Vestido. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MARTÍNEZ, M. R. Actividad biológica y mecanismo de acción de los esteroides anabólico-andrógenos. Archivos de Medicina del Deporte, v. VII, n.28, p.373-384. 1990.
- MOURA, N. A. Esteróides Anabólicos Androgênicos e Esportes: uma breve revisão. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.6, n.1, 1984. p.101-109.
- NEVES, L. F. B. Corpo, velhice, projeto e neoliberalismo. In: VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred; KOSOVSKI, Ester (org.). Que corpo é esse?. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SABINO, C. Anabolizantes: Drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). Nu e Vestido. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SABINO, Cesar. O peso da Forma. Cotidiano e Uso de Drogas entre Fisiculturistas. 2004. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Acesso em: 20/08/2004.
<<http://www.culturismo.com.br/entrevista11.asp>> Acesso em 24/07/2004.
- Recebido em: out/2004
Aprovado em: mar/2005

Fontes consultadas.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE MUSCULAÇÃO. Site do culturismo. Disponível em: <www.culturismo.com.br>.